

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Petróleo sobe com ameaça de Trump ao Irã	2
Título: Fundos do Golfo Pérsico aproveitam queda dos ativos	4
Título: Toffoli derruba liminar sobre proibição de corte de luz	7
Título: Curtas	8
Título: NY sobe em dia de recuperação do petróleo	9
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	11
Título: Nova crise do petróleo leva dólar a R\$ 5,40	11
Título: Choque de preços num mundo saturado de óleo	12
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	14
Título: Governo anuncia plano e põe em xeque agenda de Guedes	14
VEÍCULO: O Globo	16
Título: Brasil precisa estudar alternativas para enfrentar a crise do petróleo	16
Título: Efeitos do rombo nas contas	17
Título: Retomada com obras públicas	18
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	21
Título: Crise no petróleo pressiona Petrobras	21
Título: Gasolina ainda mais barata.....	23

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 23/04/2020****Seção: Empresas****Autor: Myles McCormick, Joe Rennison, Hudson Lockett e Matthew Rocco — Financial Times, de Londres, Hong Kong e Nova York****Título: Petróleo sobe com ameaça de Trump ao Irã**

Os preços do petróleo se recuperaram nesta quarta-feira, depois que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, acirrou as tensões no Oriente Médio ao dizer que ordenara aos navios de guerra dos EUA que “abatessem e destruíssem” navios iranianos se estes representassem uma ameaça.

A intervenção do presidente dos EUA levou o preço do petróleo tipo Brent de volta para a casa dos mais de US\$ 20 por barril- esse indicador de referência internacional tinha despencado para seu nível mais baixo desde 1999 por causa dos temores sobre o colapso da demanda mundial de petróleo.

A declaração de Trump também ajudou a levantar o mercado de bônus de alto retorno, que é fortemente exposto às perspectivas das empresas de energia. O iShare, fundo de bônus de alto retorno negociados em bolsa da BlackRock, conhecido por seu ticker HYG, subiu 0,8% nas negociações do meio do dia em Nova York - ele tinha caído 1,8% na terça-feira.

“Eu instruí a Marinha dos Estados Unidos a abater e destruir todo e qualquer navio patrulha iraniano, se ele assediar nossos barcos no mar”, escreveu Trump no Twitter.

A perspectiva de renovação das tensões no Oriente Médio deu um impulso ao petróleo durante uma semana em que os preços enfrentaram dificuldades diante da evaporação da demanda provocada pela pandemia do coronavírus.

O Brent chegou a US\$ 22,45 o barril [encerrou o dia em alta de 5,38%, a US\$ 20,37]. O setor de energia liderou uma recuperação em Wall Street, com o indicador S&P 500 em alta de 2,1%, após dois dias de quedas. O Nasdaq Composite, que se concentra em ações de alta tecnologia, subiu 2,3%.

O West Texas Intermediate, o marcador de referência do mercado americano, subiu 23%, para US\$ 14,29 [fechou o dia em US\$ 13,78 - mais 19,1%]. Ele tinha caído quase pela metade durante a sessão anterior e no início da semana despencara para território negativo pela primeira vez, pois os produtores foram obrigados a pagar compradores para que retirassem o petróleo antes do vencimento dos contratos futuros.

O Brent continua em queda de cerca de 26% até agora nesta semana, já que as quarentenas e restrições de viagens adotadas pelos governos afetaram a demanda mundial de petróleo e levaram seu preço a cair até um terço em relação aos níveis anteriores à crise.

Os níveis de produção de petróleo permaneceram robustos mesmo enquanto o vírus destruía a demanda, o que criou um excesso de oferta. Um corte sem precedentes de quase 10% da oferta mundial, acertado pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e seus aliados, entrará em vigor no mês que vem, mas os operadores temem que isso não seja suficiente para compensar o desmoronamento do consumo.

O chefe da Agência Internacional de Energia (AIE) pediu na terça-feira a aceleração e o aprofundamento das reduções na produção. Os membros da Opep fizeram uma reunião por telefone à noite, mas não havia indicações de que mudariam seus planos. Contudo, como os locais de armazenagem no mundo estão a ponto de atingir seus limites de capacidade, analistas da JBC Energy disseram que os cortes da Opep poderiam não ocorrer “com rapidez suficiente”.

“As realidades logísticas de tanques cheios e do aumento da armazenagem offshore exigem uma ação rápida, à medida que as refinarias deixam de ser receptoras confiáveis de petróleo, pois seus próprios estoques estão até a borda”, disseram eles.

O ministro do petróleo do Irã, Bijan Namdar Zangeneh, disse nesta quarta-feira que os cortes já acordados levariam um tempo para serem sentidos no mercado. Ele pediu maior cooperação mundial na redução da oferta, principalmente dos produtores de xisto americanos. “A Opep por si só não pode resolver o problema atual”, afirmou ele à TV estatal.

Nos EUA, os estoques de petróleo bruto subiram na semana passada para seu nível mais alto em quase três anos, segundo o departamento de energia. As ações europeias subiram ainda mais, com ganhos de 1,8% pra o indicador Stoxx 600, que abrange todo o continente.

Mark Haefele, diretor executivo de investimentos do UBS Global Wealth Management, disse que as distorções nos mercados de petróleo devem se fazer sentir nos mercados de ações, renda fixa e câmbio nas próximas semanas.

“Mas nossa opinião é de que o período recente de deslocamento extremo no mercado de petróleo dos EUA deve passar no segundo semestre do ano”, acrescentou ele. **(Colaborou Najmeh Bozorgmehr, de Teerã).**

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 23/04/2020****Seção: Empresas****Autor: Andrew England e Simeon Kerr — Financial Times, de Londres e Dubai****Título: Fundos do Golfo Pérsico aproveitam queda dos ativos**

Fundos soberanos do Golfo Pérsico, como o Fundo de Investimento Público da Arábia Saudita, e o Mubadala de Abu Dhabi, vêm se mobilizando para comprar ativos cujos preços tenham sido derrubados pela pandemia do coronavírus.

Executivos da área de banco de investimento e fontes próximas aos fundos dizem que eles estudam investir em setores que voltariam a crescer com uma recuperação da economia mundial, como assistência médica, tecnologia e logística.

Fundo da Arábia Saudita fez grandes investimentos nas petroleiras Shell, Total, Repsol, Equinor e Eni

Um alto dirigente saudita disse ao “Financial Times” que o país montou uma equipe específica para estudar os “aspectos negativos e positivos, de médio prazo e longo prazo” da crise mundial. Por sua vez, o PIF, sigla em inglês do fundo saudita, presidido pelo príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, adotou uma linha que mistura uma abordagem “estratégica e de busca de oportunidades”.

O fundo saudita já fez uma série de grandes investimentos nas últimas semanas, inclusive na operadora de cruzeiros Carnival e nas petrolíferas Royal Dutch Shell, Total, Repsol, Equinor e Eni. Na semana passada, encabeçou o grupo que acertou a compra do clube inglês de futebol Newcastle United, um negócio de 300 milhões de libras esterlinas (US\$ 413 milhões).

O dirigente saudita disse que Riad examina como “aproveitar” a situação para “reduzir o impacto de longo prazo [no país], mas também se beneficiar de possíveis mudanças em modelos de negócios e em comportamentos pelo mundo”.

“Estamos identificando áreas muito interessantes, seja em logística, em tecnologia e em telemedicina ou outras que são muito promissoras”, disse.

O Mubadala, veículo soberano de investimentos mais ativo de Abu Dhabi, chefiado por Khaldoon al-Mubarak, um dos políticos mais influentes do emirado, também estuda ativamente investimentos na China e em setores como o de tecnologia de saúde nos Estados Unidos e na Europa.

Uma fonte próxima ao fundo de US\$ 230 bilhões disse que o Mubadala está “sendo um administrador cuidadoso do portfólio, enquanto espera pelo momento certo para começar uma alocação de capital de maior escala”, com destaque para possíveis investimentos em “tecnologias de ponta nos setores farmacêutico e medicinal”.

Tanto o PIF, da Arábia Saudita, quanto o Mubadala estiveram entre os principais investidores do Vision Fund, do SoftBank, agora em dificuldades, tendo injetado US\$ 15 bilhões e US\$ 45 bilhões, respectivamente.

A Autoridade de Investimentos do Catar (QIA), fundo soberano do país, de US\$ 320 bilhões, entre cujos principais ativos estão a loja de departamentos Harrods e o edifício londrino conhecido como The Shard, já estava empenhado em aumentar sua exposição na Ásia e América do Norte. Além disso, em 2019, montou uma equipe voltada aos países emergentes para comprar participações diretas em empresas da América Latina, África e Ásia.

“Em vista da volatilidade dos mercados, a QIA vem procurando oportunidades de investimento”, disse um dirigente catariano.

A busca por investimentos lembra o movimento ocorrido durante a crise financeira mundial de 2008-2009, quando Catar e Abu Dhabi investiram bilhões de dólares em grupos em dificuldade, como Barclays, Credit Suisse, Volkswagen e Daimler.

Executivos da área de banco de investimento acreditam que o tamanho dos investimentos não será o mesmo daquele período, dada a atual pressão sobre as economias do Golfo Pérsico, mas já começam a apresentar opções de negócios para os veículos de investimento da região.

“Estamos apresentando todas as oportunidades que podemos para o Golfo [Pérsico] e Cingapura”, disse um executivo sênior de banco de investimento que trabalha em Londres. “Todos eles vão conseguir ótimos negócios neste momento”, afirmou.

Um executivo bancário que trabalha no Golfo Pérsico disse que os gestores de fundos soberanos vêm trabalhando com bancos de investimento para procurar empresas com valores subestimados. “A lista de compras está sendo preparada”, disse.

O maior fundo soberano da região, a Autoridade de Investimentos de Abu Dhabi (Adia), que tem ativos sob administração entre US\$ 700 bilhões e US\$ 800 bilhões, tradicionalmente segue uma abordagem mais conservadora. Precisa estar de prontidão para eventuais “pedidos de dinheiro”, quando dirigentes dos Emirados Árabes Unidos decidem resgatar recursos para arcar com

necessidades governamentais, como dar liquidez a emirados menos ricos. Ainda assim, também se espera que esteja atenta a ativos com preços mal avaliados pelo mercado.

Ao longo dos últimos três anos, a Adia reduziu os investimentos em propriedades imobiliárias de primeira linha em grandes cidades, saindo de alguns investimentos em infraestrutura, como sua participação no aeroporto de Gatwick, por acreditar que os valores já haviam chegado a seu pico. Atualmente, possui uma maior proporção de dinheiro e de ativos líquidos do que há 12 meses.

Da mesma forma, a Autoridade de Investimentos do Kuait (KIA), que investiu US\$ 3 bilhões no Citigroup em 2008 e teve lucro de US\$ 1,1 bilhão com a venda da participação posteriormente, normalmente segue uma linha mais conservadora.

Apesar do interesse por investimentos, o ambiente no Golfo Pérsico é muito diferente em comparação ao vivido na crise financeira mundial, quando, como exceção de Dubai, o impacto não havia sido tão severo quanto no Ocidente.

Hoje, o Golfo Pérsico também batalha em casa contra a pandemia da covid-19 e o caos econômico. E ainda tem que suportar o golpe representado pela queda livre da cotação do petróleo, acirrada nesta semana, após cinco anos de crescimento anêmico.

Na Arábia Saudita, o PIF está altamente comprometido, já que administra uma série de megaprojetos idealizados para impulsionar a atividade econômica e encabeçar as reformas sendo defendidas pelo príncipe Mohammed, que preside o fundo. Consultores preveem que parte desses projetos será adiada ou suspensa, uma vez que Riad se verá obrigada a reduzir gastos.

Acredita-se que o PIF será o maior receptor dos US\$ 29 bilhões levantados na oferta pública inicial de ações da Saudi Aramco. Além disso, deverá receber US\$ 69 bilhões, em parcelas, referentes à venda de sua participação no grupo petroquímico Sabic para a petrolífera estatal, quando a transação for concluída neste ano.

“Não compreendo porque o PIF está fazendo o que está fazendo, quando seu país vai precisar de cada centavo”, disse um executivo sênior de banco de investimento que trabalha na região. “Lembra-me bastante à QIA em seus primeiros anos. Há uma estratégia, mas eles não estão se atendo a essa estratégia. Eles querem alta visibilidade, mas também querem fazer dinheiro. Eles querem diversificar a economia, mas querem aproveitar oportunidades.”

O PIF informou que sua estratégia de investimento “inclui - e continua sendo - buscar ativamente oportunidades estratégicas na Arábia Saudita e ao redor do mundo que tenham forte potencial de gerar retornos significativos de longo prazo”.

“Essas oportunidades incluirão setores e companhias que estejam bem-posicionadas para participar significativamente, e impulsionar, economias que estão avançando”, disse. **(Colaboraram Anjli Raval e Arash Massoudi, de Londres).**

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/04/2020

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito — Do Rio

Título: Toffoli derruba liminar sobre proibição de corte de luz

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli acatou reclamação com pedido de liminar apresentado pela Light contra recente decisão proferida pelo presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJRJ), Claudio de Mello Tavares, que impedia a distribuidora de cortar o fornecimento de energia a clientes comerciais e industriais inadimplentes. Na prática, com a decisão de Toffoli, a suspensão do corte fica mantida apenas para consumidores residenciais e de serviços essenciais que fiquem inadimplentes pelos próximos três meses, como prevê a resolução 878/2020 da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) publicada em março.

O caso teve início com a lei estadual 8.769/2020, sancionada em março pelo governador Wilson Witzel e que proíbe cortes no fornecimento de energia, água e gás natural para qualquer tipo de consumidor, incluindo comerciais e industriais, que não pagassem a fatura. Os débitos acumulados seriam cobrados futuramente, em parcelas, sem juros ou multa.

A Comissão de Defesa do Consumidor da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) moveu então ação pedindo que a Light cumprisse a lei estadual e a resolução da Aneel. A comissão obteve liminar em primeira instância, determinando o cumprimento pela distribuidora das duas normas. A Light, em seguida, obteve liminar do desembargador do TJRJ José Carlos Paes suspendendo os efeitos da medida anterior.

Na última semana, porém, a Alerj havia conseguido nova liminar, dessa vez do presidente do TJRJ, que confirmou a constitucionalidade da lei estadual e suspendeu decisão prévia do desembargador. A Light, então, recorreu ao STF, reclamando usurpação de competência, pois cabe ao STF julgar a constitucionalidade de leis.

Foi com base nesse argumento que Toffoli acatou o pleito da Light.

“A decisão reforça a segurança jurídica e a importante articulação entre a União e o órgão regulador de assegurar a viabilização do serviço público essencial de distribuição de energia elétrica”, afirmou Vítor Alves de Brito, advogado do escritório Sergio Bermudes, que representa a Light no caso.

Em outro processo, o juiz Alexandre de Carvalho Mesquita, da 1ª Vara Empresarial da Justiça do Rio, proibiu o corte no fornecimento de água e energia ao Estaleiro Mauá, em Niterói (RJ), por 90 dias ou até que seja encerrado o estado de calamidade pública. O estaleiro está em recuperação judicial, com dívidas de R\$ 1,5 bilhão.

Segundo Roberto Carlos Keppler, sócio da Keppler Advogados Associados, que representa o estaleiro, a decisão possibilita a manutenção da empresa durante a crise.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/04/2020

Seção: Empresas

Autor:

Título: Curtas

AES Tietê e Eneva

A AES Tietê confirmou ter recebido a carta da Eneva desistindo da oferta hostil para fusão das companhias. A Eneva havia feito a proposta em 11º de março. Segundo a AES Tietê, a administração da companhia “analisará o conteúdo [da carta] de forma detalhada”, mantendo acionistas informados. No fim da noite de terça-feira, a Eneva informou ter desistido da proposta de combinação dos negócios. A desistência, segundo a Eneva, se deve à indicação da AES Holdings Brasil, controladora da AES Tietê, de que ainda que a administração da companhia submetesse a proposta a deliberação dos seus acionistas, não reconheceria o direito de voto dos acionistas titulares de ações preferenciais. No entendimento da Eneva, a operação não deveria seguir, nesse momento, “em

meio a um provável embate acerca dos direitos dos acionistas titulares de ações preferenciais da AES Tietê e os interesses do acionista controlador daquela companhia”. A Eneva diz que seguirá trabalhando na geração de valor para seus acionistas, focada no desenvolvimento do seu plano de negócios, sempre atenta a futuras novas oportunidades de combinação de negócios.

Energia para Vulcabras

A Casa dos Ventos, uma das maiores companhias de energia eólica do país, firmou um contrato com o grupo Vulcabras para fornecimento de energia. O acordo não foi divulgado oficialmente pelas empresas, mas as informações constam em uma ata de reunião do conselho de administração da Vulcabras. Pelo acordo, a Casa dos Ventos foi contratada para fornecer, por um prazo de até 13 anos, a totalidade do consumo da Vulcabras, que é de 7 megawatts (MW). O contrato tem um valor de R\$ 150 milhões e prevê opção de compra de ações para que a Vulcabras se torne um autoprodutor. O negócio envolve o parque Ventos de São Mizaél, que faz parte do complexo Rio do Vento, no Rio Grande do Norte. O empreendimento integra oito Sociedades de Propósito Específico (SPEs), que permitem a negociação de contratos com outras empresas, e tem capacidade instalada total de 504 MW. O projeto entrará em operação ao longo

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 23/04/2020

Seção: Finanças

Autor: Gabriel Roca, André Mizutani e Rafael Vazquez — De São Paulo

Título: NY sobe em dia de recuperação do petróleo

Os investidores aproveitaram o respiro após dois dias de volatilidade elevada devido ao colapso nos preços do petróleo e voltaram ao mercado acionário, impulsionando os principais índices globais a ganhos consistentes ontem.

Na Bolsa de Valores de Nova York (Nyse), o Dow Jones fechou em alta de 1,99%, aos 23.475,82 pontos, enquanto o S&P 500 subiu 2,29%, aos 2.799,31 pontos. O Nasdaq avançou 2,81%, aos 8.495,38 pontos. Na Europa, o índice pan-europeu Stoxx 600 subiu 1,80%, aos 330,14 pontos.

Um colapso sem precedentes no preço dos futuros de petróleo no início desta semana interrompeu o rali que se desenhava no mercado após as mínimas registradas no dia 23 de março.



Embora as empresas de petróleo representem uma fatia de apenas 2,6% do índice S&P 500, o temor de que os preços baixos da commodity pudessem desencadear uma onda de falências no setor, com reflexos nos mercados de crédito e no emprego, elevou a aversão a risco nos últimos dias

“Sempre que há uma queda brusca nos preços, é preciso observar se a fraqueza do petróleo se espalhará para outros setores e ativos”, disse Quincy Krosby, estrategista-chefe de mercado da Prudential Financial.

No entanto, os contratos da commodity esboçaram uma reação ontem, fechando o dia em alta consistente. Os contratos futuros do Brent para junho encerraram a sessão com ganhos de 5,38%, aos US\$ 20,37 o barril, enquanto os preços do WTI para o mesmo mês subiram 19,10%, aos US\$ 13,78 o barril.

Contribuindo para o cenário positivo para os ativos de risco, o Senado dos Estados Unidos aprovou um pacote de cerca de US\$ 500 bilhões para reabastecer fundos para pequenas empresas, que haviam se esgotado poucos dias após a abertura dos pedidos. A medida deve ser votada na Câmara dos Deputados hoje.

O otimismo também se estendeu ao mercado de renda fixa dos Estados Unidos. Os rendimentos dos Treasuries subiram, com o juro da T-note de dez anos encerrando o dia a 0,63%, de 0,58% da véspera.

As perspectivas para a economia global, no entanto, seguem negativas. Em revisão de suas projeções feitas no início de abril, a Fitch Ratings informou que espera uma queda de 3,9% no Produto Interno Bruto (PIB) global em 2020. “Uma recessão sem precedentes no período pós-guerra”, disse Brian Coulton, economista-chefe da Fitch Ratings.

Entre o otimismo do mercado de ações e o colapso na atividade econômica global, investidores se perguntam se o “bear market” (mercado com tendência de baixa), deflagrado com a pandemia do novo coronavírus, já terminou.

Para o estrategista do Citigroup, Robert Buckland, ainda não. “Isso ocorre, principalmente, porque o mercado de ações geralmente cai no mesmo montante dos lucros corporativos, o que significa que o índice MSCI World deveria ter caído até 50% das máximas às mínimas, e sua queda foi de 34%.”

No entanto, ele pondera que os bancos centrais nunca responderam tão rapidamente a uma recessão como atualmente. Isso criou um embate entre otimistas, que apostam na ação do Fed, e pessimistas, que esperam um colapso dos lucros. “Por enquanto, a ação dos BCs está elevando os mercados acionários, mas acreditamos que o colapso dos lucros não deve ser completamente ignorado”, escreveu Buckland em relatório.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 23/04/2020****Seção: Economia****Autor: Renato Jakitas****Título: Nova crise do petróleo leva dólar a R\$ 5,40**

Bolsa engata mais um dia de valorização motivada por 'afrouxamento' do isolamento

O dólar bateu mais um recorde ontem, quando fechou em alta de 1,90%, cotado a R\$ 5,40, neste que foi o sétimo pregão consecutivo de valorização da moeda americana ante o real. O movimento de apreciação também alcançou o euro, que bateu novo recorde nominal, negociado a R\$ 5,85. Já na Bolsa, o balanço do dia foi positivo para as ações das empresas brasileiras. O Ibovespa, a exemplo dos principais índices pelo mundo, operou no azul desde a abertura. Partiu de 78.9 mil pontos, o patamar do fechamento de segunda-feira, antes do feriado de Páscoa, para alcançar o melhor momento em 81,2 mil pontos e fechar o dia com 80,6 mil pontos, em alta de 2,17%.

No mês, o Ibovespa acumula ganho de 10,50% e, na semana, de 2,15%, cedendo 30,23% no ano. Ontem, atingiu o maior nível de fechamento – e o primeiro acima de 80 mil pontos – desde o dia 13 de março, quando havia encerrado aos 82.677,91 pontos. Na avaliação de Luiz Roberto Monteiro, operador da mesa institucional da Renascença, “o afrouxamento da quarentena” levou o mercado a antever uma “retomada de alguns setores da economia”. Isso tem favorecido, principalmente, as ações de varejistas, que vão se valorizando nos últimos dias.

Ontem, o governador de São Paulo, João Doria, confirmou que o Estado adotará um plano de reabertura gradual da economia a partir do dia 11 de maio.

Petróleo. O real é hoje a segunda moeda que mais se desvalorizou no mundo em 2020. Está atrás apenas da divisa sul-africana, o rand, que despencou 35,72%, enquanto a moeda brasileira perdeu 34,82% de seu valor, segundo ranking compilado pela Wagner Investimentos. A baixa de ontem foi um reflexo, principalmente, da queda dos preços do petróleo, que estão pressionados desde o início da crise do novo coronavírus. As produções caíram e os carros quase não circulam, ou seja, há um menor consumo de combustível.

Como consequência, os estoques se acumulam e os preços derreteram, já que o ativo se desvaloriza. Vale lembrar que na segunda-feira, os contratos de óleo WTI para maio, que são negociados na Bolsa de Nova York, foram negociados a US\$ 37,63 negativo – uma queda superior a 300%. De uma forma geral, os contratos continuaram em queda na terça-feira. Ontem, a alta do dólar foi

reflexo desse movimento, que ficou acumulado em função do feriado de Tiradentes, quando os mercados permaneceram fechados no País.

Para além do petróleo, tido como um problema pontual, o economista José Faria Júnior, sócio da consultoria Wagner Investimentos, diz que a moeda brasileira tem vivido uma espécie de tempestade perfeita, responsável pela forte desvalorização dos últimos meses. “Temos sofrido, basicamente, três problemas: queda nos preços das commodities, o índice atingiu o menor patamar desde 1972, aumento da dívida pública, tivemos a perspectiva de nosso rating rebaixado, e corte da (taxa de juros) Selic, que deve ir para pelo menos 2,5% neste ano”, afirma. / COLABOROU LUIS EDUARDO LEAL

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 23/04/2020

Seção: Colunas

Autor: Celso Ming

Título: Choque de preços num mundo saturado de óleo

Na última segunda-feira, pela primeira vez na história, os preços do petróleo dos Estados Unidos, o WTI (West Texas Intermediate), referência no mercado, tiveram brutal cotação negativa. Para entrega em maio, chegou a ser negociado a US\$ 37,63 negativos por barril de 159 litros. Não é bem uma situação em que você vai ao posto de gasolina, manda encher o tanque e, em vez de pagar R\$ 200, você recebe do frentista isso aí ou até mais. Os estoques de petróleo e derivados estão tão altos, que aqueles investidores que se comprometeram a comprar petróleo para entrega em maio não tinham onde armazená-lo. Para zerar seus contratos, foram obrigados a pagar aos vendedores para que estes fiquem com aquele óleo.

Essa distorção diz mais do que apenas uma situação esdrúxula que acontece uma vez na história, como o dilúvio universal. Mostra que o mundo está inundado de óleo porque o consumo de energia despencou e porque a atividade econômica quase parou. Ao mesmo tempo, isolado em casa, o consumidor deixou de usar combustível, os aviões deixaram de voar (portanto, deixaram de queimar querosene), os caminhões estão encostados nas garagens e assim por diante. Embora a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e também produtores fora do cartel tivessem chegado a um acordo na semana anterior para reduzir em cerca de 12% a 15% a produção, continua chegando petróleo às refinarias.

Isso acontece apenas em parte porque não é possível fechar as torneiras dos poços no mesmo ritmo em que despencou o consumo. Ao menos momentaneamente, o ajuste passou a ser feito não por remanejamento do

volume, mas pelo preço. Mas há outras considerações a levar em conta. Não é seguro que o consumo seja restabelecido tão logo a pandemia vá embora, porque ela pode voltar e poderá ser necessário tanto voltar a parar a atividade econômica como a confinar as pessoas em suas casas. Ainda é preciso ver o que vai de fato ser diferente na economia pós-crise.

Mesmo que os motores da produção e do transporte voltem a rodar, parece improvável que o consumo de petróleo seja restabelecido aos níveis anteriores aos do início da depressão. Isso significa que muitos produtores, especialmente os que operam a custos mais altos do que os preços vigentes do petróleo, ficarão por algum tempo alijados do mercado ou, mesmo, acabarão quebrando. Em compensação, o petróleo e o gás ficaram tão baratos que provavelmente voltarão a ser usados como insumo nas usinas térmicas para produção de energia elétrica. E isso pode adiar projetos de expansão de energia renovável, especialmente as de fontes eólica e solar.

Aqui no Brasil, outra vítima será a produção de etanol, que já não consegue competir com a gasolina. A safra de cana-de-açúcar, que está no início no Centro-Sul, terá de enfrentar essa hora ingrata, que uma eventual alta de impostos sobre o etanol (por meio da Cide) não conseguirá compensar. A derrubada dos preços dos combustíveis terá no Brasil graves impactos na área fiscal. Estados e municípios são altamente dependentes das receitas do ICMS sobre combustíveis, que caíram (na refinaria) mais de 50%. Também será superior a 30% a queda de receitas com royalties e participações especiais cobradas dos produtores de petróleo. E há os fretes.

Os caminhoneiros que paralisaram o País em maio de 2018 para tentar fortes reajustes no frete agora estão amargando baixa acentuada de preços, que tabelamento nenhum conseguirá segurar. Como tudo em economia, essa nova ordem na área da energia produzirá ganhadores e perdedores. De longe, o maior ganhador deverá ser a China, que poderá retomar sua atividade econômica aproveitando os preços bem mais baixos da energia.

Como já foi examinado nesta Coluna em outras oportunidades, a forte queda dos preços dos combustíveis tende a produzir inflação negativa (por alguns também chamada deflação), porque a baixa não será compensada pela alta de outros itens da cesta de consumo, tanto das famílias como das empresas. É situação que pressiona ainda mais o Banco Central para nova redução dos juros básicos, hipótese que já começa a ser admitida pelo seu presidente, Roberto Campos Neto.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 23/04/2020****Seção: Mercado****Autor: Gustavo Uribe, Julio Wiziack, Ricardo Della Coletta, Julia Chaib e Talita Fernandes****Título: Governo anuncia plano e põe em xeque agenda de Guedes**

Medidas anunciadas contra a crise implicam retomar investimento público para gerar empregos

Governo resgata papel do Estado na retomada, sob a oposição de Guedes

Programa prevê investimento público para a geração de empregos e a recuperação da economia

O governo Jair Bolsonaro anunciou, nesta quarta-feira (22), o programa Pró-Brasil, um conjunto de medidas que têm como pivô a retomada do investimento público para a geração de empregos.

O plano foi rejeitado pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, que imprimiu ao governo até o momento uma agenda liberal, centrada em ações de mercado e com mais investimento privado na economia.

O anúncio foi feito pelo ministro-chefe da Casa Civil, general Walter Braga Netto, que comandará o programa a pedido de Bolsonaro.

Nenhum integrante da equipe econômica participou do evento, que, dentre os ministérios envolvidos, só contou com a presença do ministro da Infraestrutura, Tarcísio de Freitas.

“Não é um programa somente de governo, é de Estado. Tanto que nossa previsão de trabalho do programa está num universo temporal de dez anos, até 2030. Estamos pensando longo prazo”, disse Braga Netto, em coletiva no Palácio do Planalto.

Também devem apresentar propostas os **ministérios de Minas e Energia** e o de Desenvolvimento Regional.

De acordo com Tarcísio, a ideia inicial é investir cerca de R\$ 30 bilhões do próprio Orçamento do ministério com cerca de 70 obras paralisadas ou em estágio inicial ao longo de três anos.

O ministro disse que o programa de concessões e privatizações seguirá adiante, mas, nesse caso, o resultado em relação à geração de empregos demora mais.

Com as obras públicas, o efeito seria praticamente imediato e poderia garantir, no período considerado, entre 500 mil e 1 milhão de contratações.

“A gente estima o valor de R\$ 30 bilhões [para obras públicas], estamos falando dentro do horizonte plurianual. Isso representa complementação do que que já temos hoje”, disse Tarcísio.

“Não vamos dar nenhuma pirueta fiscal, nenhuma cambalhota. Será feito com muita responsabilidade, dentro da linha de controle de gastos e de solvência que têm marcado a gestão [Bolsonaro]”, afirmou.

Ao apresentar o plano, o governo não deu valores de investimentos em cada obra nem informou quais são as ações prioritárias.

Durante as discussões ao longo das duas últimas semanas, a ala militar do governo, da qual o próprio Tarcísio faz parte e também Braga Netto, chamou o programa de “Plano Marshall”, em uma referência aos investimentos feitos pelos EUA na reconstrução de países aliados logo após a Segunda Guerra Mundial.

No início da reunião inter-ministerial ocorrida na manhã desta quarta no Planalto, Braga Netto apresentou uma série de planilhas sobre as perspectivas e previsões para a pandemia do coronavírus.

Segundo relato de presentes, o Planalto tem a avaliação de que os efeitos da pandemia se estenderão, pelo menos, até o segundo semestre de 2021.

Em uma breve fala, Bolsonaro disse que o quadro de dificuldades pode ser uma oportunidade para que o governo avance nas reformas administrativa e tributária e ajuste do atual arcabouço regulatório, uma forma de estimular a chegada de capital novo de investidores privados em concessões.

Em tom professoral, Guedes disse aos colegas que, diferentemente da ajuda dos americanos para a reconstrução da Europa, o plano idealizado pela Casa Civil significaria “abrir mão de dinheiro para ajudar o próprio país”. Foi o que levou à troca do nome para Programa Pró-Brasil.

Logo em seguida ele se colocou contrário ao aumento do gasto público, fazendo um contraponto ao núcleo militar.

De acordo com auxiliares presidenciais, o ministro da Economia pregou a necessidade de manter a atual agenda liberal e ressaltou que cabe ao poder público facilitar a atração de investimentos.

A intenção de Guedes é estimular a economia via concessão de crédito com garantias estruturadas.

O ministro da Economia lembrou ainda que a política idealizada pela Casa Civil tem uma orientação desenvolvimentista e foi adotada por Dilma Rousseff (PT), causando um agravamento da situação fiscal do país.

Em conversas paralelas após a reunião, ministros militares elogiaram o plano lançado pelo ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama após a crise econômica de 2008.

A medida, cujo objetivo era reaquecer a economia e reempregar a classe média, previa a reconstrução de estradas e pontes, além da contratação de desempregados na área da construção civil.

Representantes da ala ideológica do governo, no entanto, concordam com Guedes e consideraram que o ideal seria garantir liquidez e o equilíbrio fiscal ao máximo possível.

VEÍCULO: O Globo

Data: 23/04/2020

Seção: Editorial

Autor:

Título: Brasil precisa estudar alternativas para enfrentar a crise do petróleo

País terá de atrair investimentos privados para ajudar na mitigação dos efeitos da pandemia

O colapso no mercado mundial de petróleo em meio à pandemia do novo coronavírus abala empresas e, também, agrava a situação de governos, cujo caixa será afetado por significativa redução na receita de tributos cobrados sobre a venda dessa matéria-prima e de seus derivados.

Em alguns países a dependência ultrapassa um terço do Produto Interno Bruto, o que indica cenário de grave crise fiscal nos próximos meses. Na América Latina, o choque tende a ser amplificado no México e no Equador, entre outros. O Brasil depende menos, mas não escapa. A Petrobras já decidiu paralisar (no jargão setorial, “hibernar”) 62 das suas plataformas. O corte na produção será equivalente a 23 mil barris de petróleo por dia. Justifica-se: “É para preservar os empregos e a sustentabilidade da empresa nesta que é a pior crise da indústria em cem anos”.

Estudos da Agência Nacional de Petróleo sugerem que óleo e gás respondem por 8% em média do total coletado em tributos no país. Para alguns estados

produtores, como o Rio de Janeiro, significa perda de receita acima desse patamar.

Há excesso de produção no mundo, e as áreas disponíveis para estocagem são insuficientes. Um dos reflexos está na alta de preços do frete. A Petrobras, por exemplo, pagava US\$ 3 por barril no ano passado para entregas em longo percurso. Na semana passada viu a cotação subir para US\$11 por barril —um nível de custo superior ao de extração de óleo em alguns campos marítimos.

Há um mês, Arábia Saudita e Rússia aumentaram a produção e derrubaram preços para a faixa de US\$ 20 por barril (tipo Brent, mescla do Mar do Norte). A pandemia reduziu ainda mais o consumo global, o que levou a momentâneo colapso dos preços no mercado futuro nos Estados Unidos.

Os EUA têm no óleo tipo West Texas Intermediate (WTI) a referência comercial. Contratos para maio tiveram rendimento negativo (US\$ -37,63). Pela primeira vez, produtores pagaram para que o produto fosse levado —ao menos de forma escritural —dos seus livros contábeis.

Para o Brasil, problema maior está na saída da pandemia. É quando vai precisar atrair investimentos privados para ajudar na mitigação dos efeitos da crise econômica provocada pelo vírus. A atual confusão deveria induzir uma reflexão sobre as atuais restrições à exploração (modelos de cessão onerosa, partilha e de concessão). Para atrair capitais, um regime único, o de concessão, talvez seja a melhor alternativa, porque a era dos megacampos rentáveis parece estar se esgotando. Este é um debate necessário e urgente.

VEÍCULO: O Globo

Data: 23/04/2020

Seção: Economia

Autor:

Título: Efeitos do rombo nas contas

> Rio de Janeiro: Além de sofrer os efeitos da paralisia, o Rio já projeta perdas com a queda na arrecadação de royalties de petróleo. A estimativa do secretário de Fazenda é que a redução nas receitas seja de R\$ 5 bilhões nos próximos dois meses, sendo R\$ 1,1 bilhão de ICMS e R\$ 3,9 bilhões em royalties. O estado tenta garantir o pagamento de servidores e gastos com saúde, mas já admite renegociar contratos com fornecedores.

> Rio Grande do Sul: A crise do coronavírus já fez o estado atrasar o pagamento da folha salarial.

> Goiás : O governo de Goiás admite que poderá ter dificuldades para acertar salários já no próximo mês. A fatia de inadimplentes, que pagam impostos de forma parcelada, saltou de 4% para 32% em quatro semanas, sinal de que aumentou a dificuldade para acertar as contas.

> Piauí: Nas contas da secretaria de Fazenda do Piauí, a perda de arrecadação em abril deverá ficar entre R\$ 120 milhões e R\$ 180 milhões.

> São Paulo: Segundo estimativa divulgada pelo governo de São Paulo, a receita de ICMS deve cair até R\$ 9,7 bilhões entre abril de junho. O valor equivale a 25% da arrecadação prevista para o período.

VEÍCULO: O Globo

Data: 23/04/2020

Seção: Economia

Autor: MANOEL VENTURA, HENRIQUE GOMES BATISTA, MATEUS SCHUCH* E GABRIEL SHINOHARA BRASÍLIA E SÃO PAULO

Título: Retomada com obras públicas

Sem Guedes, governo lança plano de recuperação e prevê 1 milhão de empregos

Sob coordenação do ministro da Casa Civil, Walter Braga Netto, e sem participação direta do ministro da Economia, Paulo Guedes, o governo lançou ontem as linhas gerais de um plano de recuperação econômica para superar a crise causada pelo novo coronavírus. O programa é sustentado na retomada de obras públicas com recursos do Tesouro Nacional, como forma de evitar uma escalada do desemprego, e o presidente Jair Bolsonaro não descarta inclusive flexibilizar o ajuste fiscal.

Ao ser perguntado sobre a possibilidade de serem adotadas regras menos rígidas para os gastos públicos, ele não quis responder se a política de teto de gastos será mantida:

— Nada está descartado. Já falei que o Posto Ipiranga é o Paulo Guedes.

Sobre a ausência de Guedes no anúncio do projeto, Bolsonaro disse que o ministro falará mais sobre o programa na próxima semana:

— O ministro Paulo Guedes participou um pouquinho lá e vai participar um pouquinho na semana que vem.

Apesar de já ter até nome — Pró-Brasil —, o plano ainda começará a ser desenhado pelo governo. A expectativa é que as medidas sejam formatadas até

setembro e comecem a ser executadas em outubro. A principal frente de atuação está sendo desenvolvida pelo Ministério da Infraestrutura.

— A finalidade é gerar empregos, recuperar a infraestrutura e dar possibilidade de o Brasil recuperar a perda que tivemos —disse Braga Netto.

O ministro da Infraestrutura, Tarcísio Gomes de Freitas, indicou 70 obras, a maior parte delas na área de transportes, com projetos de engenharia e licenciamento ambiental em fase adiantada. O plano prevê aportes estatais de R\$ 30 bilhões até 2022 e, segundo estimativas da pasta, a geração de 1 milhão de empregos nesse período.

FOCO: 'QUEM É O CULPADO'

A medida está sendo propagandeada internamente como o Plano Marshall do governo Jair Bolsonaro, em referência ao programa dos Estados Unidos de recuperação de países europeus após a Segunda Guerra Mundial.

— A gente estima um valor de R\$ 30 bilhões. Isso representa uma complementação ao que já temos hoje. Não vamos dar nenhuma pirueta fiscal, nenhuma cambalhota — garantiu Tarcísio, completando: — Temos que pensar no dia seguinte.

Os detalhes do pacote foram mostrados ontem em reunião de Bolsonaro com a equipe ministerial. Na apresentação, uma das telas, com o título “contexto”, trazia “Foco atual: quem é o culpado”

Segundo relatos, durante o encontro, foi apresentado o diagnóstico de que a crise causada pela pandemia do novo coronavírus vai se estender no ano que vem e que será necessário repensar a atual política de ajuste fiscal. Além disso, há uma avaliação de que as medidas lançadas até agora pelo governo, com impacto fiscal perto de R\$ 300 bilhões, são apenas paliativas.

Para uma ala do governo, apoiada pelos militares, o plano de privatizações e concessões não dará resultado no curto prazo, por conta de questões burocráticas e legais. Daí a necessidade de aumentar o gasto público. O ministro da Infraestrutura garantiu que manterá o programa de concessões, com investimentos de R\$ 250 bilhões em 30 anos.

Outras medidas estão vindo dos ministérios do Desenvolvimento Regional e de Minas e Energia. Há a intenção de retomar empreendimentos de habitação via programa Minha Casa Minha Vida, além de obras de saneamento. Uma das saídas será financiar obras do Minha Casa Minha Vida totalmente com recursos do FGTS, o que hoje é limitado.

A questão agora é como conciliar o plano com as restrições fiscais do país. A equipe econômica ainda não está participando diretamente das discussões, nem mesmo o ministro Paulo Guedes. Integrantes da pasta foram pegos de surpresa com o anúncio do programa. Braga Netto garante que todos os ministérios estão envolvidos na ação.

— O Ministério da Economia está elaborando um plano de busca de investimentos privados, já que o Estado não tem dinheiro. O que estão chamando de Plano Marshall é uma ideia embrionária, e não posso comentar, pois não tenho conhecimento — disse o secretário de Desestatizações, Salim Mattar, um dos principais auxiliares de Guedes.

Mattar também disse que governo não deve fazer privatizações nem vender participações em empresas em 2020 porque não poderia fazer essas operações “na bacia das almas”:

— Acreditamos que não haverá possibilidade de venda de ativos, porque o preço está muito depreciado.

A falta de unidade do governo em torno do Pró-Brasil chamou atenção de especialistas. A ausência de Guedes no lançamento do plano é algo grave, diz Mauricio Lima, do centro de logística Ilos:

— Já estamos vendo falta de unidade entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário na crise, o que é ruim. Mas falta de unidade no Executivo é ainda pior.

TETO DE GASTOS

Os técnicos da equipe econômica têm alertado que qualquer gasto que extrapole o programa de combate à calamidade precisará respeitar as regras fiscais vigentes. Uma delas é o teto de gastos, mecanismo que limita o avanço das despesas à inflação.

O Pró-Brasil aumenta a pressão sobre o teto de gastos, que já era questionado pela ala política do governo. Há quem defenda a exclusão de uma lista de investimentos previamente selecionados do teto de gastos, mas o Ministério da Economia é contra.

Para Igor Rocha, diretor de Planejamento e Economia da Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (Abdib), um pacote de R\$ 30 bilhões fica muito aquém do que o país precisa de infraestrutura:

— Nossa demanda por infraestrutura é de R\$ 274 bilhões por ano, e hoje temos R\$ 130 bilhões, em frentes públicas e privadas. Levando em conta que os

investimentos privados devem cair com acrise, a intenção do governo deveria ser maior, de investir ao menos R\$ 100 bilhões.

Já Cláudio Frischtak, presidente da Inter.B Consultoria, critica o Pró-Brasil justamente pelo lado oposto: o seu gigantismo. Ele defende um programa mais modesto, de R\$ 3 bilhões a R\$ 5 bilhões, em que o investimento público é justificado, devido ao elevado retorno social e pela falta de atratividade pública. Ao anunciar um plano que quer gerar um milhão de empregos, Frischtak teme que o país caia nos erros dos últimos grandes projetos de infraestrutura, os Programas de Aceleração do Crescimento (PACs). (*do Valor)

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 23/04/2020

Seção: Economia

Autor: Rosana Hessel

Título: Crise no petróleo pressiona Petrobras

Enquanto os preços do petróleo derretem com a queda da demanda e o estoque elevado devido à recessão global provocada pela Covid-19, a Petrobras não escapará da crise se o barril do óleo ficar abaixo de US\$ 20 por um período prolongado. Analistas não descartam a possibilidade de a cotação da commodity voltar a ficar negativa no fim de junho, como aconteceu com o WTI (West Texas Intermediate), referência nos Estados Unidos, nessa segunda-feira.

Pelas estimativas de especialistas ouvidos pelo Correio, a operação da estatal é rentável com o petróleo acima de US\$ 30. Eles destacam que a companhia poderá enfrentar problemas financeiros se o barril ficar abaixo desse patamar. E não descartam, inclusive, um socorro da União, que é o controlador da petrolífera. Logo, os tempos do barril acima de US\$ 100 não devem voltar tão cedo. Tanto que, as expectativas mais otimistas apontam para a cotação chegando a US\$ 40 no fim do ano.

Ontem, o barril do WTI para entrega em junho subiu 19%, fechando a US\$ 13,78. Em Londres, o petróleo tipo Brent, usado como referência no mercado internacional, avançou 5,4%, para US\$ 20,37, nos contratos para entrega em junho. Apesar dessa alta, ontem, especialistas demonstram cautela e avisam que o momento não é de otimismo em relação ao petróleo, porque as reservas do produto nos EUA subiram acima do esperado na semana passada, confirmando o colapso na demanda.

O plano de investimento da Petrobras deve continuar sendo revisto, porque as projeções consideravam o barril do Brent a US\$ 63, segundo analistas. Eles avaliam que a redução da produção em 200 mil barris diários e o corte de 30%

nos investimentos previstos para este ano, para US\$ 8,5 bilhões, podem não ser suficientes para compensar as perdas que estão por vir. “No curto prazo, a Petrobras está reduzindo a produção, porém, em ritmo menor do que o necessário devido à forte queda na demanda global. Além disso, alguns campos de exploração são inviáveis ao preço de Brent atual, inviabilizando o plano estratégico até 2023”, destaca Marcel Zambello, economista da Necton Investimentos.

Para piorar, nem a diversificação e nem a venda de refinarias poderão ajudar a Petrobras nesse momento crítico. E, com isso, a operação de desinvestimento pode custar caro à União se a estatal precisar de socorro para manter as operações após ela ter ajudado a incrementar o caixa do Tesouro Nacional no ano passado. Procurados, o Ministério da Economia e a assessoria da Petrobras evitaram comentar o assunto.

Situação delicada

Com o petróleo em queda livre, a Petrobras não para de reduzir o preço da gasolina. Desde terça-feira, o novo valor do litro do combustível nas refinarias passou para R\$ 0,91, acumulando uma redução média de 52,3%. A demanda, no entanto, não aumenta. Enquanto isso, os papéis da companhia estão bem abaixo dos R\$ 30 de fevereiro. Apesar da alta de 4,57%, ontem, as ações preferenciais da estatal tiveram queda de 44,73% no ano, e fecharam o pregão de quarta cotadas a R\$ 16,68.

Ilan Arbetman, analista da Ativa Investimentos, admite que a situação da Petrobras é “bastante delicada” no curto prazo. “Se o barril do Brent continuar abaixo de US\$ 30 é muito difícil pensar em uma remuneração correta para a Petrobras e isso liga uma luz amarela. O governo deve estar atento a isso também”, avalia. O economista Álvaro Villa, da Messem Investimentos, reconhece que a cotação negativa para o barril do Brent no fim de junho não pode ser descartada, porque ainda não há uma previsão de quando a atividade nas cidades vai voltar ao normal. “O petróleo é uma commodity difícil de precificar, mas, hoje em dia, com a queda da demanda forte e com a maioria das pessoas em casa devido ao distanciamento social recomendado pelas autoridades médicas, não tem consumo”, afirma.

Bolsa de Valores

Diferentemente do que normalmente ocorre, a Bolsa de Valores de São Paulo seguiu o caminho do dólar e também operou em alta ontem. A Bolsa fechou o dia com alta de 2,16%, aos 80.687 pontos, devido a uma onda de ânimo que tomou conta do mercado financeiro mundial. O otimismo veio, sobretudo, do ajuste dos preços internacionais de petróleo, tanto que as ações das Petrobras também subiram - a alta foi de 5,02%, uma das maiores do dia. Mas também contribuiu com isso a expectativa de que boa parte da economia mundial volte

a funcionar em breve, após as diversas semanas de isolamento provocadas pelo novo coronavírus. Os analistas lembram, porém, que o clima ainda é de muita volatilidade.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 23/04/2020

Seção: Economia

Autor: Jailson Sena e Mariza Wanzeller

Título: Gasolina ainda mais barata

O valor da gasolina nos postos de combustíveis está em queda desde março, chegando a valores que havia muito os consumidores não encontravam nas bombas. “Estou saindo bem menos de casa e economizando mais da metade do que eu gastava de gasolina”, afirma Victoria Hoff, de 22 anos. Ela abasteceu o carro em um posto do Núcleo Bandeirante pelo valor de R\$ 3,49 o litro.

Dados da Agência Nacional de Petróleo (ANP) divulgados na segunda-feira revelam que o preço médio nos postos caiu para R\$ 4,95 reais por litro, recuo semanal de 1,30%. Anual, de 10,16%.

De acordo com Paulo Tavares, presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Combustíveis e de Lubrificantes do Distrito Federal (Sindicombustíveis-DF), a queda no preço da gasolina se deve, principalmente, ao baixo consumo da população e ao aumento dos estoques mundiais. “O estoque, que era para três dias, virou estoque para 25 dias. Se eu não estou vendendo, eu abaixo o preço para levantar capital de giro e poder pagar os meus compromissos, como fornecedores e funcionários”, explica.

O preço médio do litro de gasolina em Brasília no dia 1º de março era de R\$ 4,55. Hoje, é possível encontrar postos comercializando o combustível a R\$ 3,29. Segundo o presidente do Sindicombustíveis-DF, esse valor está abaixo do encontrado nas distribuidoras, R\$ 3,30. “Estão trabalhando negativo ou apenas empatando para levantar caixa”, pontua. De acordo com a média anterior e o valor de queda do produto, Tavares diz que o valor da gasolina na capital deveria ser de pelo menos R\$ 3,95.

Baixa procura

Mesmo com os preços em baixa, a procura nos postos não aumenta. Segundo, Daniel Benquerer Costa, CKO do Posto 214 Sul, a queda foi de 50% “O volume reduziu diariamente, semanalmente e mensalmente, mas ainda não se encontrou um ponto de equilíbrio para acabar com a variação de preço. Tive

que fazer um leve aumento (no preço), mas não aumentou o consumo e nem diminuiu”, diz.

A publicitária Ana Alvarenga, 26 anos, se deparou com um valor abaixo do esperado, ao abastecer por R\$ 3,75 o litro, no posto Colorado. “Estávamos abastecendo a mais de R\$ 4,00, desde o ano passado. Agora, todos os postos estão com valor abaixo disso”, comenta. A jovem também percebeu queda no preço dos postos da Asa Norte: “Costumo abastecer nos postos de entrequadra da 407 e, lá, tiveram uma redução grande na quarentena”.

**Estagiários sob a supervisão de Andreia Castro*

MME / ASCOM .